

Um passeio pela Aracaju dos anos de 1940^I

Maria Luiza Pérola Dantas Barros^{II}

Resumo: O presente artigo propõe apresentar de maneira panorâmica aspectos do cotidiano da cidade de Aracaju, do final dos anos de 1930 e início dos anos de 1940; cidade essa que, apesar de ser tida oficialmente por pacata, possuía práticas comerciais de considerável porte para o período, e que, em agosto de 1942, veria o seu cotidiano afetado pelos desdobramentos dos torpedeamentos de embarcações brasileiras pelo *U-507*, no contexto da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O objetivo é mostrar, a partir da publicidade veiculada nos jornais *Correio de Aracaju* e *Folha da Manhã*, um pouco do funcionamento da cidade, seus pontos turísticos, suas práticas comerciais, antes que a face mais cruel da guerra fosse apresentada à população naquele início da década de 1940.

Palavras-chaves: Cotidiano; Cidade de Aracaju; Década de 1940.

A tour of Aracaju from the 1940s

Abstract: This article proposes to present in a panoramic way aspects of the daily life of the city of Aracaju, from the late 1930s and early 1940s; a city that, despite being officially considered peaceful, had considerable commercial practices for the period, and that, in August 1942, would see its daily life affected by the unfolding of the torpedoing of Brazilian vessels by the *U-507*, in the context of the Second World War (1939-1945). The objective is to show, based on the advertising in the newspapers *Correio de Aracaju* and *Folha da Manhã*, a little of the city's functioning, its tourist spots, its commercial practices, before the most cruel face of the war was presented to the population in the early 1940s.

Keywords: Everyday Life; City of Aracaju; 1940s.

Artigo recebido em 15/09/2020 e aceito em 02/02/2021

UM PASSEIO PELA ARACAJU DOS ANOS 1940

MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS

Impactos do conflito mundial

“Ontem, a cidade logo cedo, foi surpreendida com a triste notícia de que tinha sido torpedeado o vapor brasileiro *Baependi*, em águas sergipanas próximo à costa de Estância. Mais tarde novas notícias.

Mais dois navios nacionais tinham sido vítimas das emboscadas do Eixo.

À cidade inteira ante estas notícias alarmantes que pouco a pouco como labaredas se espalharam por todos os recantos, ficou profundamente consternada.

O comércio não abriu mais suas portas no segundo expediente.

Todos, todos, chorando a sorte de seus irmãos, vítimas da selvageria nazista, sentidos até o íntimo da alma e indignados com o torpe e covarde atentado dos agentes totalitários que, tripudiando por sobre as vítimas indefesas impotentes de reagir, trucidaram velhos, senhoras mães de família, jovens e criancinhas inocentes, perambulavam pelas ruas em busca de notícias novas que viessem esclarecer mais o bárbaro torpedeamento dos vapores brasileiros (...).

Quando a consternação já era grande e a indignação maior, chega a notícia do torpedeamento de dois outros navios nacionais – “Itagiba” e “Arara”.

Aí então redobra a consternação do povo e a sua indignação chega ao auge.

Os colegiais agora engrossados pela massa do povo grita e pede desforra.

A polícia vê-se obrigada a intervir por várias vezes afim de conter a multidão e evitar distúrbios.

O povo é dócil e obedece facilmente” (Folha da Manhã, Aju. 18 ago. 1942, 1).

O ano era 1942. O mundo estava mergulhado em um dos piores conflitos bélicos da história: a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Alianças entre os países se modificavam constantemente; matava-se simplesmente pelo ideal de raça. Todos esses fatos serviam apenas para mostrar ao mundo que a paz não encontraria morada entre as nações envolvidas.

Sem sombra de dúvidas, entre os conflitos bélicos travados no século XX, a Segunda Guerra atingiu o mais alto patamar de uma escala de horrores até então impensável, deixando um rastro de destruição por onde passou. O conflito não ficou restrito aos países europeus, mas se irradiou, qual onda sonora, pelo mundo, fazendo seu eco ressoar também além-Atlântico, chegando ao Brasil; a Sergipe, por exemplo.

No período em questão, nosso país vivia o Estado Novo (1937-1945) sob o comando de Getúlio Vargas, notoriamente influenciado pelas experiências europeias autoritárias do nazismo e, principalmente, do fascismo.

Um pouco antes da Segunda Guerra chegar ao Brasil, a política de Vargas em relação ao cenário internacional era de “neutralidade. Conforme escreve Antônio Pedro Tota, Vargas “procurava manter-se, no plano internacional, equidistante em relação tanto ao imperialismo mercantil ianque como ao imperialismo romântico germânico”^{III}.

Com o início do conflito mundial, todos os estados da federação sofreram, em maior ou menor intensidade, impactos em seu cotidiano diante, por exemplo, da escassez de produtos e do aumento dos preços dos gêneros alimentícios e combustíveis; em Sergipe, não foi diferente, mas, como escreve Andreza Santos Cruz Maynard,

o impacto mais cruel do enfrentamento bélico veio com o afundamento dos navios na costa sergipana, entre 15 e 17 de agosto de 1942. O submarino alemão U-507 torpedeou embarcações *Baependy*, *Araraquara*, *Aníbal Benévolo*, *Itagiba* e *Arará*, quando as mesmas se encontravam entre o litoral de Sergipe e Bahia. A morte de centenas de brasileiros, incluindo mulheres e crianças, chocou a população de todo o país, particularmente daqueles que estavam mais próximos aos locais dos ataques do U-507^{IV}.

UM PASSEIO PELA ARACAJU DOS ANOS 1940

MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS

Os acontecimentos que sucederam eram cenas dignas de um filme de terror: destroços das embarcações torpedeadas, além de pertences de vítimas, corpos inchados e, em muitos casos, já em avançado grau de putrefação, davam às praias sergipanas pelo balanço das ondas. Divulgava-se oficialmente que toda a população sergipana se mobilizava, de alguma forma, para prestar auxílio: recolhendo os corpos, acolhendo os poucos sobreviventes, destinando os objetos encontrados nas areias da praia às autoridades responsáveis, apenas no intuito de ajudar na identificação dos corpos e de aliviar o sofrimento dos parentes vivos.

É possível perceber, a partir desses acontecimentos, como o cotidiano de Aracaju foi afetado^V de maneira direta pela Segunda Guerra Mundial. Mas como era o cotidiano dessa cidade antes dos torpedeamentos das embarcações no litoral do Estado? Eis o que buscamos apresentar neste artigo.

Cotidiano de Aracaju: década de 1940

Sempre que chegamos em uma “nova cidade”, que até então só conhecíamos pelo “ouvir falar”, é normal termos a curiosidade de aprender um pouco mais sobre o local. A história, o cotidiano de seus habitantes, a cultura, os pontos turísticos, até mesmo os boatos de um lugar recém-conhecido se tornam extremamente atrativos para que os visitantes tirem suas próprias conclusões sobre o local em que estão pisando pela primeira vez.

Neste momento, a “nova” cidade que visitaremos é Aracaju. Não a Aracaju dos dias atuais, mas a Aracaju da década de 1940.

Localizada na região nordeste do Brasil, Aracaju é uma das cidades litorâneas da costa atlântica brasileira. Mais concretamente é a capital do Estado de Sergipe, o menor estado da Federação. Na costa sergipana, Aracaju está quase equidistante (*sic*) do limite sul como Estado da Bahia e do limite norte com o Estado de Alagoas. A situação geográfica mais precisa situa a capital sergipana na margem direita do rio Sergipe, nas proximidades de sua desembocadura no Oceano Atlântico^{VI}.

A cidade de Aracaju no início da década de 1940 possuía uma população urbana de cerca de 65.692 habitantes^{VII}, representando, de acordo com Cid Olival Feitosa, 30,3% da população do Estado de Sergipe, com uma taxa de crescimento entre os anos de 1940 e 1950 considerada alta (3,0) se comparada ao crescimento de outras cidades do Estado, como Propriá (2,1), ou Itabaiana (2,7), por exemplo.

Nas palavras de Waldefrankly Rolim de Almeida Santos, entre 1900 e 1960 a população da cidade teria passado por um intenso crescimento, tendo o número de habitantes passado de 21.132 para 114.162. Um aumento populacional de 440,2 %. Somente entre 1940 e 1960, o aumento representou 93,4 % do total, fazendo desses anos os de maior crescimento demográfico^{VIII}.

Percebemos, assim, que, na década de 1940, Aracaju passava por um crescimento demográfico nunca visto antes. Muito desse aumento populacional também ocorreu em virtude de correntes migratórias vindas do interior, em busca de emprego e melhores condições de vida, que acabaram por engrossar as fileiras de ocupações informais – biscates, serviços domésticos, venda ambulante - como forma de sustento familiar.

Esse crescimento, como nos mostra Adriana Dantas Nogueira, seguia na década em questão em direção ao Oeste:

UM PASSEIO PELA ARACAJU DOS ANOS 1940

MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS

Seguindo ramais da ferrovia (Av. Rio de Janeiro e Av. São Paulo) e do eixo rodoviário e surgem as primeiras ruas do bairro “Aribé” (atual Bairro Siqueira Campos), o bairro Dezoito do Forte e mesmo o bairro Santo Antônio (antigo povoado), o bairro Joaquim Távora. Todos eles surgiam sem o “apoio governamental” e abrigavam a população mais humilde economicamente, a qual procurava sempre o solo mais “barato”^{IX}.

Antes de darmos prosseguimento, vale ressaltar que, ainda de acordo com Santos, a cidade de Aracaju, nesse período, aparecia dividida

entre o seu cartão postal, centro, região de maior controle e policiamento dos comportamentos e uma outra, mais escondida, que nem todos, pelas conveniências morais da época, se arriscavam em visitar: a sua periferia! As regiões escondidas aparecem nos relatos muito mais como espaços do prazer que como lugar da moradia das populações com menor nível de instrução e com muitas pessoas que vieram do interior a procura de trabalho, de níveis de pobreza mais evidentes, com modos de habitar diferenciados, bem como outros hábitos de consumo dos espaços^X.

Vemos, assim, que a cidade aracajuana não era sinônimo de algo único. A população estava dividida entre a área planejada, habitada por pessoas que honravam os seus compromissos em dia, e, nos espaços à margem dela, com um traçado caótico, habitariam pessoas mais humildes^{XI}.

A “área planejada”, ou o “quadrado de Pirro”, que hoje compõe basicamente o centro histórico da cidade, diz respeito ao projeto inicial da cidade de Aracaju, do século XIX, em forma de “tabuleiro de xadrez”, com trinta e duas quadras de 100m x 100m, de autoria do engenheiro de Sebastião José Basílio Pirro, onde “dentro de um quadrado de 540 braças, ou 1188m de lado, estavam traçados quarteirões iguais de forma quadrada, com 55 braças, ou 121 m de lado, separados por ruas de 60 palmos ou, 13,2m de largura”^{XII}.

Mesmo com a necessidade de expandir a cidade, podemos dizer que, ao falarmos de Aracaju nos anos de 1930 e 1940, estaremos a fazer uma referência ao centro histórico de hoje, pois, como afirmam Rafaelle Camila Pinheiro e Cristiane Alcântara de Jesus Santos, o conhecido tabuleiro de xadrez configurou-se até a década de 1970 como o espaço que atendia às necessidades básicas e de lazer dos indivíduos que ali residiam, visitavam ou trabalhavam, pois ainda concentrava grande parte dos teatros, cinemas, cafés, grandes lojas, eventos festivos, praças públicas e restaurantes da cidade^{XIII}.

Para o “nosso passeio por Aracaju”, assim como em um passeio turístico, precisamos eleger um ponto de partida para “percorremos a cidade”. Para nós, iniciaremos a partir da Ponte do Imperador^{XIV}. Era dela que partiam os barcos a vapor; nela, as pessoas se concentravam para receber ou despedir-se de seus viajantes. Estes, ao embarcarem, vislumbravam, a partir dela, a cidade de Aracaju, na década de 1940, como escreve Luiz Antônio Pinto Cruz:

Quem seguia a bordo nutria diferentes percepções da cidade. Do boroeste visualizava-se o Trapiche do Lima, a rua da Frente, os mercados, as lojas comerciais, a praça Fausto Cardoso, o Palácio Olímpio Campos, a Ponte do Imperador, as casas residenciais, a Capitania dos Portos (...). Do bombordo, viam-se os verdejantes coqueirais da Ilha, os manguezais e a Atalaia Nova. E da popa, Aracaju ia ficando para trás, esta última imagem mais parecia uma bela tela, com cores formosas e amenas, onde ainda era possível ver ao fundo o Morro do Urubu, a Igreja de Santo Antônio e o fumegar das chaminés das Fábricas, no bairro Industrial^{XV}.

UM PASSEIO PELA ARACAJU DOS ANOS 1940

MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS

Sobre a Ponte do Imperador, localizada na Praça Fausto Cardoso, o viajante poderia avistar o leito do Rio Sergipe. Virando-se cerca 180°, ele veria ao longe, emoldurada pelas Palmeiras Imperiais, a estrutura da Catedral Metropolitana de Aracaju, localizada na Praça Olímpio Campos. Ainda na Fausto Cardoso, poderiam ser vistos a sede do governo, o Palácio Olímpio Campos e o prédio da Biblioteca Pública do Estado, localizada no número 248, onde hoje funciona o Arquivo Público do Estado de Sergipe.

Atravessando a Avenida Rio Branco, em um dia de calor, o visitante poderia se refrescar provando os sabores da *Sorveteria Primavera*, localizada entre a Fausto Cardoso e a Rua João Pessoa. Ao sair, se depararia com uma das ruas mais movimentadas do centro da capital: a João Pessoa.

O comércio era intenso nessa rua, o que permitia aos frequentadores encontrarem uma gama de serviços: casas de móveis, consultórios médicos (de diversas especialidades), bares, restaurantes, lojas de tecidos, livraria, cinema, lojas especializadas em vestuário, como escreveram Adênia Santos Andrade e José de Oliveira B. Filho:

A rua João Pessoa começava com o N°1 do Hotel Central, detendo-se a uma sequência numérica. Estes pontos comerciais serviam de local de encontro entre ricos fazendeiros e pessoas que possuíam um poder aquisitivo elevado para tratar de negócios ou consumir. Dentre as lojas, existiam os especialistas em produtos eletrônicos, secos e molhados; produtos importados, como tecidos finos, gravatas de sedas, peças chinesas, etc.^{XVI}.

Se o assunto fosse mobiliar a casa, bastaria acorrer a uma das lojas de móveis situadas na João Pessoa, como era o caso de *A Mobiliadora*, n° 20, ou a *Mobiliária Chic* de Chaperman&Ster, “a melhor e maior do Estado”^{XVII}, fixada no n° 119.

Para problemas de saúde, naquela rua, aliás no centro de Aracaju como um todo, havia médicos^{XVIII} de diversas especialidades: para tratar males como doenças dos olhos, nariz, garganta e ouvidos, a exemplo de *Dr. Lauro B. Porto*, localizado na Rua João Pessoa, n° 84; ou para tratar doenças como a sífilis, a exemplo de *Dr. Oscar B. Nascimento*, que atendia no sobrado da Rua João Pessoa, n° 181; ou *Dr. Alencar Mota*, com consultório na Rua João Pessoa n° 256, ou mesmo *Dr. A. V. Machado*, no consultório localizado na Rua João Pessoa, n° 274. Apesar da predominância masculina, mulheres também possuíam consultórios, como a *Dra. Consuelo C. Oliveira Freire*, cirurgiã dentista que tinha por especialidade cirurgia e prótese, com consultório na Rua Itabaiana, n° 379.

Também havia clínicos gerais, como o *Dr. L. Milet*, que apresentava especialidade com partos, doenças de senhoras, impotência em moços, varizes, hemorroidas, distúrbios da gravidez e das vias urinárias, e consolidação de fraturas ósseas. Com relação aos valores cobrados por consultas, esses poderiam atingir cifras altas, como era o caso do valor cobrado por esse médico^{XIX} de 20\$000. Havia ainda aqueles, como *Dr. Pessoa Aguiar*, que por “vocação”, disponibilizavam horários para consultas gratuitas aos pobres; no caso dele, todas as quintas-feiras, das 9h às 10h.

Muitos acorriam à rua João Pessoa diariamente, não só para tratar-se de doenças, mas, muitas vezes, para apreciar a vida na boa companhia de amigos, em estabelecimentos como o *Bar Apollo*, n° 82, ou no *Ponto Chic*, localizado no encontro entre as ruas João Pessoa e Laranjeiras. Sobre o *Ponto Chic*, Andreza Santos Cruz Maynard e Dilton Cândido Santos Maynard descreveram:

O Ponto Chic oferecia bebidas, refrescos, charutos, sorvetes etc. Era local comum à elite da cidade. Afirma a propaganda: “frequentar (*sic*) o Ponto Chic é demonstrar

UM PASSEIO PELA ARACAJU DOS ANOS 1940

MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS

bom gosto e passar momentos de satisfação”. Locais como o Ponto Chic, o Café das Sete e o Central agregavam “homens de negócios, cavadores de emprego, os profissionais mais distintos”. Configuravam-se como espaços públicos onde aspectos da vida cidadina vinham à tona. Ir até eles era também espreitar a vida alheia. Nos cafés, borbulhavam os segredos dos homens de Estado^{XX}.

Após um drink ou uma xícara de café, talvez vindo dali de pertinho, da *Torrefação Novo Mundo*, localizada no nº 484, poderiam visitar a *Livraria Regina*, nº 137, local de encontro de escritores e da boemia sergipana:

Tal livraria dominou o mercado livreiro ao longo de cerca de quarenta anos, figurando entre os anos de 1940 e 1970 como a mais moderna gráfica do Estado e também a mais atualizada e freqüentada(*sic*) livraria, marcando o imaginário daqueles que a conheceram de tal maneira que ainda é lembrada com saudosismo quando o assunto é livro e livraria^{XXI}.

Além de livros, naquela rua, as pessoas também poderiam adquirir seu discos favoritos na *Casa Nunes*, nº 156 e nº 561. Na João Pessoa, havia ainda as lojas mais atrativas ao público feminino, especializadas em vestuário^{XXII}, com suas vitrines arrumadas, atraíam os olhares dos transeuntes que por ali passavam. Eram lojas que atendiam o gosto do público feminino e masculino, como *A Casa das Sedas*, nº 100, a *Casa Colombo* de Elias Roliman, localizada no nº 199, *Casa e Alfaiataria Dois Irmãos*, nº 45, *Casa Vivinha*, no nº 156, com sua variedade de perfumes, vestidos, bolsas e calçados, ou até mesmo o *Armarinho Santana*, que vendia linhas para as costureiras e os alfaiates, localizado no nº 213.

Além de tudo já mencionado, na Rua João Pessoa, havia representantes de marcas ‘famosas’, como *Vivaldo Freitas*, representante da *Bicicleta Bianohi*, localizada no nº 277, ou a *Casa Rochedo*, de Austeclino Rocha, que comercializava “*telefone, motores, dynamos e bombas elétricas*”^{XXIII}, localizada no nº 257, ou *Vieira, Garcez & Cia*, nº 340, representante de telhas de zinco, além do *Armazém de José Menezes Prudente & Cia*, no nº 455, e a *Farmácia Industrial* no nº 225.

Certamente, o passeio pela João Pessoa não estaria completo sem antes passar pelo *Cine Teatro Rio Branco*^{XXIV}, localizado no nº 182. Foi considerada a casa de espetáculo mais importante de Aracaju, tendo projetado em sua tela os clássicos do cinema americano, e os “frutos” da fábrica de ideologias norte-americana na Segunda Guerra Mundial. Além disso, sempre manteve as portas abertas para os artistas locais, a exemplo do show do *cast* da Rádio Difusora de Sergipe, “Pinduca e sua Rádio Orquestra”, “Regional de Carnera”, “Vocalistas Tropicais”, “Zé Dendê”, João Mello, João Lopes, Manoel Aragão, “Dão”, “Bissexto” e Santos Mendonça.

O *Cine Rio Branco* não era o único cinema^{XXV} em Aracaju. Havia também o *Cine Guarany*, o *Cine Rex*, o *Cine São Francisco*. Na verdade, para o período, o cinema representava o progresso; não necessariamente a qualidade ou quantidade de filmes produzidos, e sim a quantidade de salas exibidoras. O cinema era considerado uma janela para do mundo, e suas telas passavam a sensação de modernidade^{XXVI}.

Se o visitante de Aracaju pensasse em permanecer na cidade por mais algum tempo, poderia se hospedar no *Hotel Marozzi*, localizado no nº 320 da João Pessoa, entre a Praça General Valadão (próximo a Alfândega) e a Rua São Cristóvão:

Quando cerrou suas portas, em 1965, o Hotel Marozzi já não era o melhor, o mais elegante e bem freqüentado (*sic*) hotel de Aracaju. Já havia o Hotel Palace, imponente obra da engenharia moderna, no centro da Praça General Valadão,

UM PASSEIO PELA ARACAJU DOS ANOS 1940

MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS

construído pelo governo de Luiz Garcia, em 1962, para fomentar o turismo. O Hotel Marozzi, com seus 35 quartos, e com mais de três décadas de funcionamento elegante, era uma saudade viva, encarnada na figura do seu proprietário Augusto Marozzi, um italiano de Bolonha, nascido provavelmente em 1888, filho de Eduardo Marozzi e Anunciata Calovi^{XXVII}.

Caso nosso visitante estivesse cansado da andança pela Rua João Pessoa, debaixo de um sol ‘escaldante’, poderia apreciar um outro sorvete, desta vez na *Sorveteria Confiança*, localizada entre as ruas João Pessoa e São Cristóvão. Esta rua também tinha lojas de comércio, como *J. Batista & CIA*, “distribuidor exclusivo em Sergipe” da *MotocicletaDRW*^{XXVIII}; a *Casa Bancaria Prado, Vasconcellos Junior & CIA*, no nº 26; A Elétrica – material elétrico em geral, no nº 149; a *Casa Renner – a casa dos bons artigos* – especializada em meia confecção^{XXIX}, e localizada na esquina da João Pessoa com a São Cristóvão; a *Fontes Irmãos*, no nº 39, e a *Vieira Sampaio & Cia* – depósito do *Farello de Mandioca PERIPERI – ração para gado*^{XXX}, localizado entre os números 48-50. Mesmo com tanta variedade no comércio, a rua São Cristóvão não possuía o “ritmo frenético” da João Pessoa ou Laranjeiras.

Continuando nosso passeio pelo centro de Aracaju na década de 1940, no encontro entre as ruas João Pessoa e Laranjeiras, poderia se avistar a *Igreja São Salvador*, um dos primeiros templos católicos de Aracaju; era a matriz da capital até a inauguração da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição.

Para a rua Laranjeiras, por exemplo, acorreriam a classe média e o proletário^{XXXI}. Haveria nessa rua, como na João Pessoa, consultórios médicos, como o de *Dr. Garcia Moreno*, no Ed. Santos, e *Dr. Firpo Filho*, no nº 85. A depender do medicamento receitado, poderia ser adquirido ali mesmo, no *Deposítário Geral/Laboratório*, ou até na *Pharmácia Universal*, de Hormindo Menezes, no nº 93, situados na Laranjeiras. Para caso de óbitos, essa rua também possuía um atendimento especializado na *Funerária São Francisco*, no nº 322, de propriedade de Antônio Café.

Não era só de assuntos relacionados à saúde que pessoas acorriam diariamente à rua Laranjeiras. Também nela poderia se encontrar desde casas como a de *J. Domingues Fontes – único distribuidor em Sergipe dos famosos produtos Condorioil para a construção, civis, construções navais, maquinários, móveis e etc.*^{XXXII} – localizada no nº 64; passando por lojas especializadas em móveis, como a *Mobiliária Elegante* de Sonia Koifman, nº 203; casas especializadas no vestuário, como por exemplo a *Archimedes C. de Mendonça – fábrica de camisas, ceroulas, pyjamas e roupinhas*^{XXXIII} – localizada no nº 75 da rua Laranjeiras, e também no nº 253 da rua Itabaianinha; casas especializadas em perfumaria, como a *Casa das Essencias*, propriedade de Antônio Café, no nº 65; o *Laboratório PHOS-KOLA*; até a Relojoaria do senhor Sindulfo Barreto, ou a Relojoaria Gonçalves, nos nº 293 e 297.

Na década de 40, segundo Murilo Melins ‘talvez a casa comercial mais comentada devido a sua excentricidade, era a relojoaria do senhor Sindulfo Barreto’, localizada no nº 158, onde hoje é a Fontes Relojoaria, lá se vendiam os relógios das melhores marcas e joias requintadas^{XXXIV}.

Na esquina entre a rua Laranjeiras e a Av. Rio Branco, no nº 75, estava localizada mais uma casa, no centro da cidade, responsável pelo controle financeiro, a *Casa Bancaria Dantas, Freire & CIA Ltda*. E se nosso visitante tivesse ainda disposição, poderia percorrer um pouco essa avenida, onde se depararia com a sede do jornal *Correio de Aracaju*, no nº 34; escritórios variados, como o do engenheiro José Rollemberg Leite, no nº 70, ou o Escritório

UM PASSEIO PELA ARACAJU DOS ANOS 1940

MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS

de Advocacia Bacharéis Luiz Garcia e Carlos Garcia. Na verdade, apesar de estarmos falando de uma cidade pequena, Aracaju possuía um número considerável de escritórios de Advocacia, a exemplo os escritórios dos Advogados Ademar Brito e José Calasans, localizado na Rua Maruim, nº599; o escritório do Advogado José Soares Brito, localizado na Rua Laranjeiras, nº 326; o escritório do Advogado Osman Hora Fontes, localizado na Rua Pacatuba, nº 327; o escritório do Advogado Carlos Garcia, localizado na Av. Rio Branco, nº 34; o escritório do Bel. Juarez de Figueiredo, localizado na Rua Maruim, nº 579; e mesmo o escritório do Bel. Niceu Dantas, localizado na Rua João Pessoa, nº 256 (sobrado).

A diversidade de serviços também marcava o comércio pela Avenida Rio Branco. Podemos citar a *A. Franco, Leite & CIA*, revendedora dos tratores *Caterpillar*, localizada no nº 154; *Antônio Curvélo*, representante dos “*insuperáveis Telefunken: os rádios que se adquirem em toda parte*”^{XXXV}; *Dantas & Krauss*, revendedor de caldeiras, localizada no nº 318; *A. Fonseca & Cia*, representante da *Machinhas inglesas Jones – funcionamento irrepreensível*^{XXXVI} - localizada nos números 54/80; a *Porto Sobrinho & CIA*, no nº 146, na qual poderia se encontrar “de tudo um pouco”. Aliás, esse tipo de loja especializada em “não possuir uma especialidade” era um tanto frequente em Aracaju. Como exemplo, podemos citar também *Casa Serigy – a casa que vende tudo*^{XXXVII} – com sua matriz localizada na Rua Arauá, nº 246.

Até agora, nossa visita pela Aracaju de meados dos anos de 1940 se concentrou nas ruas centrais da cidade. Mas o visitante atento do início da década de 1940 veria que, para além das ruas citadas, existiam áreas periféricas destinadas à diversas atividades, como por exemplo nas proximidades do Mercado Modelo Antônio Franco que, em virtude do crescimento do centro e da difusão da economia, abrigava um comércio popular, se comparado ao das ruas João Pessoa ou Laranjeiras. Para além desse comércio popular, abordaremos um pouco sobre uma outra prática “comercial” muito ativa nas regiões à margem do centro da cidade: a prostituição.

As mulheres de “vida fácil”, as prostitutas, no discurso modernizador/eugenista da década de 1940, eram vistas como desvirtuadoras da moralidade, causa do desestruturamento familiar, além de serem consideradas responsáveis pela disseminação da sífilis e de outras doenças venéreas, e, portanto, agentes de degradação da raça. Mesmo com tantos atributos negativos, o “comércio dos corpos” encontrava freguesia diversificada em Aracaju. Eram “os operários, jornalistas, intelectuais, jogadores profissionais, políticos, notívagos entre outros. Não há prostituição sem cliente”^{XXXVIII}.

Essa atração de clientes de diversas classes sociais, em parte, se explicava pelo local de concentração das casas de meretrício, os cabarés, estarem situados em áreas centrais e comerciais da cidade. Na verdade, muitos eram os pontos de exercício do meretrício, dentre eles a rua Lagarto, Laranjeiras, Otoniel Dórea, atual Carlos Firpo, avenida Pedro Calasans, e a região dos mercados, em especial o Beco dos Cocos, oficialmente denominado Travessa Silva Ribeiro. Aqui, abordaremos um pouco sobre as afamadas áreas denominadas *Beco dos Cocos, Vaticano e Curral*.

O Beco dos Cocos^{XXXIX} corresponde à área formada pela proximidade de dois quarteirões que fazem fronteira com o prédio da Alfândega, entre a Praça General Valadão e os Mercados Centrais Antônio Franco e Thales Ferraz; era o maior reduto boêmio da capital sergipana em meados dos anos de 1940, e uma das principais zonas de prostituição, concentrando uma quantidade significativa de cabarés, boates e cafés, como relata Murilo Melins:

UM PASSEIO PELA ARACAJU DOS ANOS 1940

MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS

No Beco dos Cocos, além do Cassino Bela Vista e do Dancing Xangai estava a Pensão de Marieta, a mais elegante e seleta, frequentada por banqueiros, comerciantes, industriais e rapazes da elite, ali encontravam-se as mais caras e bonitas damas da noite. Mulheres da vida, mas que devido a descrição (...) dos seus trajes e da maquiagem, frequentavam normalmente o comércio das Ruas João Pessoa e Laranjeiras, iam à matinês do Rio Branco, Rex e Vitória, confundindo-se com as madames e senhoritas. Lembramos algumas, que por lá passaram. Linda. A mais bela de todas, Princesinha, Verdinha, Fuenga, Tufi bela morena, bem educada e antiga professora, Helena Jabá, Arlete, Maura e a famosa Gilda, que possuía o maior número de vestidos, sapatos e jóias^{XL}.

Além do *Dancing Xangai* e do *Cassino Bela Vista*, havia no Beco dos Cocos o *Miramar*, o *Nighthand Day*, o *Luz Vermelha* e o *Fresca*. Quanto à clientela, como podemos perceber pelo relato acima, o público frequentador daquele reduto não se limitava apenas a trabalhadores braçais e estivadores que circulavam pelos arredores do Beco; também havia comerciantes, banqueiros e membros da elite sergipana.

Além disso, nos anos de 1940 a região passou a reunir artistas, intelectuais e pessoas dos mais variados segmentos sociais em busca de divertimento, para encontrar os amigos e não somente para se relacionar com as mulheres; era um dos poucos lugares em Aracaju, nos rígidos anos de conflito mundial, que serviam para o lazer de homens com pouco dinheiro.

Ocupando uma porção considerável do Beco dos Cocos, da rua Santa Rosa à Avenida Otoniel Dórea, se encontrava o *Vaticano*, edifício de dois pavimentos com dezenas de quartos e pequenos apartamentos, que ocupava um quarteirão. Idealizado por José da Silva Ribeiro, foi construído com a finalidade de abrigar um prédio comercial. Em seu interior, havia uma praça, e no térreo, onde funcionavam casas comerciais, existiam armazém de secos e molhados e casas de ferragens. Já no pavimento superior, de dia, e principalmente à noite, funcionavam diversos cabarés, se tornando também um espaço de moradia para muitas pessoas, inclusive para mulheres que se prostituíam nas proximidades.

Em uma simples comparação: se no Beco dos Cocos, na *Pensão de Marieta*, por exemplo, as “mais belas damas da noite” poderiam ser encontradas, era na área denominada por “Curral” que as mulheres mais “maltratadas pela vida de prostituição” poderiam ser encontradas. Era o último degrau da prostituição.

Localizado na Zona do Bomfim, área essa que compreendia a rua do Bomfim (atual 7 de setembro), rua Vitória (atual Carlos Burlamaque), rua Divina Pastora, rua Siriri e a baixa da avenida Pedro Calasans, até próximo ao elevado da rua São Cristóvão, o Curral se localizava “nos fundos” da cidade, zona Leste, nas proximidades com o centro (baixa da Pedro Calasans e a rua Divina Pastora), ainda na zona do Bomfim.

Apesar de combatidas pelo projeto modernizador e higienista do Estado Novo, as áreas de prostituição acabaram se transformando em um dos poucos espaços de lazer, que continham em si formas de inserção em uma atmosfera menos autoritária para a sociedade de baixa renda.

Considerações finais

O nosso breve passeio pela Aracaju dos anos de 1940 chega ao fim. De maneira bem sucinta, conhecemos os pontos turísticos, a parte oficial da cidade, e a parte não-oficial, que se buscava controlar na época. Uma cidade de pequenas proporções geográficas, mas de práticas comerciais consideráveis, que possuía como rotina de sua população o trabalho, quer fosse nos moldes promovidos pelo governo, quer nos moldes combatidos, como era o caso da

UM PASSEIO PELA ARACAJU DOS ANOS 1940

MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS

prostituição. Uma cidade com uma população tida por pacata, correta e solidária, que fazia questão de exaltar o cumprimento de seus deveres, e que não esperava nada de muito extraordinário de seus dias comuns. Que mesmo com o mundo sofrendo com seu pior conflito bélico já registrado na História, a Segunda Guerra Mundial, a cidade até então só sentira seus impactos de forma indireta, pela economia (aumento do preço dos gêneros alimentícios e do combustível, por exemplo).

Quem imaginaria naquela época que, na aparente apatia, um episódio, os torpedamentos das embarcações brasileiras no litoral, e seus desdobramentos abalariam, como apresentado no início deste artigo, o cotidiano da pacata população aracajuana?

Notas

^I O presente artigo é fruto da Monografia de Conclusão do curso de História da autora. Sobre isto ver: BARROS, Maria Luiza Pérola Dantas. O Caso de Nelson de Rubina: guerra e cotidiano em Aracaju (1942 - 1943). São Cristóvão, SE, 2015. **Monografia** - Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2015. Disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/7308>

^{II} Mestre em Educação e graduada em História Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Sergipe. Graduanda em Pedagogia pela mesma instituição. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente. E-mail: malupedanbar@gmail.com

^{III} TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.27.

^{IV} MAYNARD, Andreza Santos Cruz. Carestia e roubo de galinhas: problemas no cotidiano de Aracaju. In: MAYNARD, Andreza Santos Cruz; MAYNARD, Dilton Cândido. **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe**. (org.) São Cristóvão: Editora UFS, 2013, p.37.

^V Para aprofundar a temática, ver: MAYNARD, Andreza S. C.; BARBOSA, Caroline A.; MAYNARD, Dilton C. S. **Segunda Guerra: Histórias em Sergipe**. Recife: Editora Universidade de Pernambuco, 2016.

^{VI} VILAR, José Wellington. A expansão da área de consumo: a velha e a nova centralidade intraurbana de Aracaju (Brasil). (Doutorado em Análisis Geográfico En La Ordenación Del Teritorio) Universidade de Granada: Espanha, 2000, p.4.

^{VII} População do Brasil segundo as Unidades Federadas e respectivas capitais, ESTIMATIVA DE DEZEMBRO DE 1939. **Correio de Aracaju**. Aju. 30 jul. 1940, 4.

^{VIII} SANTOS, Waldefrankly Rolim de Almeida. Modernidade e Moradia: aspectos do pensamento sobre a habitação popular no processo de modernização das cidades sergipanas (1890-1955). In: **Revista do IHGSE**. Aracaju, n. 40, pp. 93 - 112, 2010, p. 96.

^{IX} NOGUEIRA, Adriana Dantas. **Análise sintático-espacial das transformações urbanas de Aracaju (1855-2003)**. (Tese de Doutorado) Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2004, p.181.

^X SANTOS, Waldefrankly Rolim de Almeida. Prostituição, cidade e imprensa: um ensaio sobre Aracaju na era Vargas (1937- 1945). In: **Revista Cordis: História, Corpo e Saúde**. n.7, jul. / dez., 2011, p.314.

^{XI} ANDRADE, Adênia Santos. **João Pessoa e Laranjeiras: duas ruas no imaginário cultural e patrimonial entre as décadas de 20 e 40 do século XX**. Disponível em: http://www.uesb.br/anpuhba/anais_eletronicos/Ad%C3%A2nia%20Santos%20Andrade.pdf, p.5.

^{XII} COELHO, Hamilton Gomes. **As posturas e o saneamento básico em Aracaju entre 1855 a 1920**. (Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Universidade São Judas Tadeu: São Paulo, 2012, p.39.

^{XIII} PINHEIRO, Rafaelle Camila; SANTOS, Cristiane Alcântara de Jesus. Evolução urbana, cultura e turismo no centro urbano de Aracaju- Se. **Ponta de Lança**. São Cristóvão, v.6, n. 11 out. 2012- abr 2013, p.49.

^{XIV} Localizada na Avenida Rio Branco, em frente à praça do Palácio e próximo ao Terminal Hidroviário, foi construída em madeira no final de 1859 para receber o vapor Apa, da Companhia Brasileira de Paquetes a Vapor, e assistir ao desembarque de D. Pedro II, foi inaugurada em 11 de janeiro de 1860. Chamou-se Ponte do Desembarque, Ponte do Governador, Ponte Metálica ou Ponte do Presidente, até que por um decreto-lei do Interventor Eronildes de Carvalho, em 1939, passou a ser denominada de Ponte do Imperador D. Pedro II, ou simplesmente Ponte do Imperador. Sobre isto ver: MEDINA, Ana Maria Fonseca. **Ponte do Imperador**. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 2 ed., 2005.

UM PASSEIO PELA ARACAJU DOS ANOS 1940

MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS

- ^{XV} CRUZ, Luiz Antônio Pinto. “A guerra já chegou entre nós”! O cotidiano de Aracaju durante a guerra submarina (1942-1945). (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal da Bahia: Salvador, 201, p.67.
- ^{XVI} ANDRADE, Adênia Santos; FILHO, José de Oliveira B. O ir e vir das ruas João Pessoa e Laranjeiras (1920-1940). São Cristóvão: Editora UFS, 2012, p.51.
- ^{XVII} **Correio de Aracaju**. Aju. 10 jan. 1939, 2.
- ^{XVIII} Dados recolhidos no Indicador do periódico *Correio de Aracaju*, entre os meses de janeiro e julho de 1939, julho de 1940, e março de 1943.
- ^{XIX} **Correio de Aracaju**. Aju. 01 jul. 1939, 3. Para termos uma ideia de quanto este valor representava na época em 07 de janeiro de 1939, o Cine Guarany exibia o filme *Os 3 Mosqueteiros*, a poltronas custavam 3\$300 e a meia entrada 1\$700. Naquele momento, o país vivia em crise, e nem todos tinham dinheiro para tal lazer. Agora pensemos, a consulta com o Dr. L. Milet equivaleria a cerca de seis sessões no Cine Guarany no conforto das poltronas, ou a cerca de onze sessões pagando a meia entrada. **Correio de Aracaju**. Aju. 07 jan. 1939, 4.
- ^{XX} MAYNARD, Andreza Santos Cruz; MAYNARD, Dilton Cândido Santos. Dias de luta: traços do cotidiano de Aracaju (1939-1945). **OPIS**, Catalão, v. 9, n. 12, jan-jun 2009, p.141.
- ^{XXI} SANTOS, Elissandra Silva. Breves notas sobre a história do livro em Sergipe: tipografias, gráficas, livrarias, livrarias e editoras na Aracaju do século XX (1900-1970). **II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial**. Universidade Federal Fluminense, 2009, p.3.
- ^{XXII} Ainda sobre o vestuário feminino, era comum encontrar nos anúncios de jornais algumas mulheres oferecendo aulas de corte e costura, como por exemplo *Elieth Menezes Garcia*, localizada na rua Itaporanga, nº49. **Correio de Aracaju**. Aju. 11 jan.1939, 1.
- ^{XXIII} **Correio de Aracaju**. Aju. 09 jan. 1939, 2.
- ^{XXIV} Localizado na rua João Pessoa, foi inaugurado pelo italiano Nicolau Pungitori em 1904 com o nome de “Teatro Carlos Gomes”, sendo anos mais tarde vendido a um empresário, conhecido por “Zé Bolacha”, que tinha Juca Barreto por sócio, passando a chamar-se Cine e Teatro Rio Branco. Ver: MELINS, Murilo. **Aracaju romântica que vi e vivi: anos 40 e 50**. Aracaju: UNIT, 2010.
- ^{XXV} O cinema em Aracaju se transformou em um difusor do *American wayoflife*, nos anos de Segunda Guerra Mundial, além de uma forma a mais utilizada pelo governo de para persuadir os aracajuanos a apoiarem as medidas tomadas pelo governo, e impedir possíveis resistências ao regime ditatorial de Vargas. Durante o conflito mundial, o cinema era uma forma a mais de sintonizar a população com o que ocorria no Brasil e no resto do mundo, sempre adaptados ao contexto sergipano.
- ^{XXVI} TELES, Eduardo Lopes. O ofício de barbeiro: memória, tradições e modernidade. (**Dissertação de mestrado em Antropologia**) São Cristóvão: UFS, 2012, p.31.
- ^{XXVII} FALCÃO, Alexandre (coordenador e editor). **História da Hotelaria no Brasil**. Rio de Janeiro: Insight Engenharia de Comunicação, 2007, p.40.
- ^{XXVIII} **Correio de Aracaju**. Aju. 10 jan. 1939, 5 .
- ^{XXIX} **Folha da Manhã**. Aju. 31 jan. 1942, 2.
- ^{XXX} **Correio de Aracaju**. Aju. 31 jan. 1941, 2.
- ^{XXXI} CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju**. Aracaju: Banese, 3 ed., 2002, p.202.
- ^{XXXII} **Correio de Aracaju**. Aju. 10 jan. 1939, 2.
- ^{XXXIII} **Correio de Aracaju**. Aju. 11 jan. 1939, 1.
- ^{XXXIV} ANDRADE, Adênia Santos; FILHO, José de Oliveira B. O ir e vir das ruas João Pessoa e Laranjeiras (1920-1940). São Cristóvão: Editora UFS, 2012, p.54.
- ^{XXXV} **Correio de Aracaju**. Aju. 04 jan. 1939,7.
- ^{XXXVI} **Correio de Aracaju**. Aju. 31 jul. 1940, 2.
- ^{XXXVII} **Correio de Aracaju**. Aju. 10 jan. 1939,1.
- ^{XXXVIII} MAYNARD, Dilton Cândido Santos. Bares, Cafés e Pinga-Pus na Aracaju dos Tempos de Guerra. IN MAYNARD, Andreza Santos Cruz; MAYNARD, Dilton Cândido Santos (org.). **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe**. São Cristóvão: Editora UFS, 2013, p.85.
- ^{XXXIX} Denominação oriunda do transporte de cocos para o abastecimento do comércio no centro aracajuano. Ver PASSOS, Elayne Messias. **Intervenções urbanas e ressignificações no centro de Aracaju: um estudo do Beco dos Cocos**. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão,2013.
- ^{XL} MELINS, Murilo. **Aracaju romântica que vi e vivi: anos 40 e 50**. Aracaju: UNIT, 2010, p.365.

UM PASSEIO PELA ARACAJU DOS ANOS 1940

MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS

Periódicos utilizados

- CORREIO DE ARACAJU:

- Correio de Aracaju.** Aju. 04 jan. 1939,7.
- Correio de Aracaju.** Aju. 07 jan. 1939, 4.
- Correio de Aracaju.** Aju. 09 jan. 1939, 2.
- Correio de Aracaju.** Aju. 10 jan. 1939,1.
- Correio de Aracaju.** Aju. 10 jan. 1939, 2.
- Correio de Aracaju.** Aju. 10 jan. 1939, 5 .
- Correio de Aracaju.** Aju. 11 jan.1939, 1.
- Correio de Aracaju.** Aju. 01 jul. 1939, 3.
- Correio de Aracaju.** Aju. 25 jul. 1940, 4.
- Correio de Aracaju.** Aju. 27 jul. 1940, 4.
- Correio de Aracaju.** Aju. 29 jul. 1940, 2.
- Correio de Aracaju.** Aju. 30 jul. 1940, 4.
- Correio de Aracaju.** Aju. 31 jul. 1940, 2.
- Correio de Aracaju.** Aju. 31 jul. 1940, 3.
- Correio de Aracaju.** Aju. 31 jul.1940, 4.
- Correio de Aracaju.** Aju. 13 ago. 1940, 2.
- Correio de Aracaju.** Aju. 31 jan. 1941, 2.
- Correio de Aracaju.** Aju. 29 mai. 1941, 2.
- Correio de Aracaju.** Aju. 29 mai. 1941, 3.
- Correio de Aracaju.** Aju. 31 mai. 1941, 2.
- Correio de Aracaju.** Aju. 31 mai. 1941, 3. 53
- Correio de Aracaju.** Aju. 31 mar. 1943, 3.
- Correio de Aracaju.** Aju. 31 mai. 1943, 1.
- Correio de Aracaju.** Aju. 31 mai. 1943, 2.
- Correio de Aracaju.** Aju. 30 jun. 1943, 4.

UM PASSEIO PELA ARACAJU DOS ANOS 1940

MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS

- FOLHA DA MANHÃ:

- Folha da Manhã.** Aju. 26 jul. 1940, 1.
- Folha da Manhã.** Aju. 30 jul. 1940, 1.
- Folha da Manhã.** Aju. 30 ago. 1940, 1.
- Folha da Manhã.** Aju. 29 nov. 1940, 1.
- Folha da Manhã.** Aju. 31 jan. 1942, 2.
- Folha da Manhã.** Aju. 31 jan. 1942, 4.
- Folha da Manhã.** Aju. 3 jan. 1942, 6.
- Folha da Manhã.** Aju. 31 mar. 1942, 2.
- Folha da Manhã.** Aju. 31 mar. 1942, 3.
- Folha da Manhã.** Aju. 31 mar. 1942, 4.
- Folha da Manhã.** Aju. 31 mar. 1942, 5.
- Folha da Manhã.** Aju. 31 mar. 1942, 6.
- Folha da Manhã.** Aju. 30 abr. 1942, 6.
- Folha da Manhã.** Aju. 29 mai. 1942, 5.
- Folha da Manhã.** Aju. 30 mai. 1942, 3.
- Folha da Manhã.** Aju. 30 jun. 1942, 3.
- Folha da Manhã.** Aju. 30 jun. 1942, 4.
- Folha da Manhã.** Aju. 30 jun. 1942, 5.
- Folha da Manhã.** Aju. 27 jul. 1942, 4.
- Folha da Manhã.** Aju. 18 ago. 1942, 1.
- Folha da Manhã.** Aju. 19 ago. 1942, 1.
- Folha da Manhã.** Aju. 21 ago. 1942, 1. 54
- Folha da Manhã.** Aju. 31 out. 1942, 2.
- Folha da Manhã.** Aju. 24 dez. 1942, 3.
- Folha da Manhã.** Aju. 24 dez. 1942, 5.
- Folha da Manhã.** Aju. 30 dez. 1942, 4.
- Folha da Manhã.** Aju. 31 dez. 1942, 2.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Adênia Santos. **João Pessoa e Laranjeiras: duas ruas no imaginário cultural e patrimonial entre as décadas de 20 e 40 do século XX**. Disponível em: http://www.uesb.br/anpuhba/anais_eletronicos/Ad%C3%A2nia%20Santos%20Andrade.pdf último acesso: 01/09/2015.

ANDRADE, Adênia Santos; FILHO, José de Oliveira B. **O ir e vir das ruas João Pessoa e Laranjeiras (1920-1940)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

_____. **A paisagem urbana de Aracaju a partir das ruas João Pessoa e Laranjeiras**. Disponível em: educonse.com.br/2012/eixo_19/PDF/9.pdf . Data de acesso: 16/01/2021.

_____. **As faces e sociabilidade das ruas João Pessoa e Laranjeiras**. Disponível em: http://educonse.com.br/2012/eixo_19/PDF/25.pdf . Data de acesso: 16/01/2021.

CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju**. Aracaju: Banese, 3 ed., 2002.

COELHO, Hamilton Gomes. **As posturas e o saneamento básico em Aracaju entre 1855 a 1920**. (Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Universidade São Judas Tadeu: São Paulo, 2012.

CRUZ, Débora Souza. **Meretrizes e prostíbulos: lazer e prazer no cotidiano de Aracaju durante o Estado Novo**. (Monografia de conclusão do curso de Licenciatura em História) Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão, 2011.

CRUZ, Luiz Antônio Pinto. **“A guerra já chegou entre nós”! O cotidiano de Aracaju durante a guerra submarina (1942 -1945)**. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2012.

FALCÃO, Alexandre (coordenador e editor). **História da Hotelaria no Brasil**. Rio de Janeiro: Insight Engenharia de Comunicação, 2007.

FEITOSA, Cid Olival. Reflexões acerca do urbano em Sergipe. In: **Revista Econômica do Nordeste**. Fortaleza. v. 37, nº 3, jul.-set. 2006.

GOMES, Ângela Maria Castro, OLIVEIRA, Lúcia Lippi e VELLOSO, Mônica Pimenta. **Estado Novo: Ideologia e Poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

JUDT, Tony. **Pós-Guerra: uma história da Europa desde 1945**. Trad. José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. Carestia e roubo de galinhas: problemas no cotidiano de Aracaju. In: MAYNARD, Andreza Santos Cruz; MAYNARD, Dilton Cândido. **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe**. (org.) São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

_____. “Em technicolor! Em terceira dimensão!”: Hollywood em Aracaju durante a II Guerra Mundial. **Revista Eletrônica Boletim do TEMPO**, Ano 5, Nº33, Rio, 2010 [ISSN 1981-3384].

MAYNARD, Andreza S. C.; BARBOSA, Caroline A.; MAYNARD, Dilton C. S. **Segunda Guerra: Histórias em Sergipe**. Recife: Editora Universidade de Pernambuco, 2016.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz; MAYNARD, Dilton Cândido Santos. Dias de luta: traços do cotidiano de Aracaju (1939-1945). **OPIS**, Catalão, v. 9, n. 12, jan-jun 2009.

UM PASSEIO PELA ARACAJU DOS ANOS 1940

MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. Bares, Cafés e Pinga-Pus na Aracaju dos Tempos de Guerra. IN MAYNARD, Andreza Santos Cruz; MAYNARD, Dilton Cândido Santos (org.). **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe**. São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

_____. **O “notável empreendimento”: Estado Novo, propaganda política e radiofusão em Sergipe**. Disponível em: periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/download/11375/6489 . Data de acesso: 16/01/2021.

_____. O violinista e a guerra: artistas do rádio, cultura e sociedade em Sergipe no Estado Novo. In MAYNARD, Dilton Cândido Santos (org.). **Visões do mundo contemporâneo**. São Paulo: LP-Books, 1 ed. 2012.

MEDINA, Ana Maria Fonseca. **Ponte do Imperador**. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 2 ed., 2005.

MELINS, Murilo. **Aracaju romântica que vi e vivi: anos 40 e 50**. Aracaju: UNIT, 2010.

NOGUEIRA, Adriana Dantas. **Análise sintático-espacial das transformações urbanas de Aracaju (1855-2003)**. (Tese de Doutorado) Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2004.

PASSOS, Elayne Messias. **Intervenções urbanas e ressignificações no centro de Aracaju: um estudo do Beco dos Cocos**. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão, 2013.

PINHEIRO, Rafaelle Camila; SANTOS, Cristiane Alcântara de Jesus. Evolução urbana, cultura e turismo no centro urbano de Aracaju- Se. **Ponta de Lança**. São Cristóvão, v.6, n. 11 out. 2012- abr 2013.

SANTOS, Elissandra Silva. Breves notas sobre a história do livro em Sergipe: tipografias, gráficas, livrarias, livrarias e editoras na Aracaju do século XX (1900-1970). **II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial**. Universidade Federal Fluminense, 2009.

SANTOS, Waldefrankly Rolim de Almeida. Modernidade e Moradia: aspectos do pensamento sobre a habitação popular no processo de modernização das cidades sergipanas (1890-1955). In: **Revista do IHGSE**. Aracaju, n. 40, pp. 93 - 112, 2010.

_____. Prostituição, cidade e imprensa: um ensaio sobre Aracaju na era Vargas (1937-1945). In: **Revista Cordis: História, Corpo e Saúde**. n.7, jul. / dez. pp.311-336, 2011.

TEIXEIRA, Nísio. Breve panorama do cinema sergipano. Disponível em: http://www.filmespolvo.com.br/site/artigos/fora_de_quadro/977 . Último acesso: 16/01/2016.

TELES, Eduardo Lopes. O ofício de barbeiro: memória, tradições e modernidade. **(Dissertação de mestrado em Antropologia)** São Cristóvão: UFS, 2012.

TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VILAR, José Wellington. **A expansão da área de consumo: a velha e a nova centralidade intraurbana de Aracaju (Brasil)**. (Doutorado em Análisis Geográfico En La Ordenación Del Teritorio) Universidade de Granada: Espanha, 2000.